

ENTRE MEMÓRIA E IDENTIDADE

BETWEEN MEMORY AND IDENTITY

Renato Rodrigues Lima

Universidade de São Paulo-USP

Universidade de Santo Amaro-UNISA

O livro analisado nesta resenha foi escrito pelo antropólogo francês Joël Candau em sua língua natal no ano de 2011 com o título *Mémoire et identité*. A tradução desta obra foi realizada por Maria Letícia Ferreira, professora associada do Departamento de Museologia, conservação e restauro da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

O título em português é Memória e identidade e possui 221 (duzentas e vinte e uma) páginas, as quais foram divididas em 6 (seis) capítulos, conforme detalhamento a seguir:

- a) Memória e identidade: do indivíduo às retóricas holistas;
- b) Da mnemogênese à memogênese;
- c) Pensar, classificar: memória e ordenação do mundo;
- d) O jogo social da memória e da identidade (1): transmitir, receber;
- e) O jogo social da memória e da identidade (2): fundar, construir;
- f) Esgotamento e colapso das grandes memórias organizadoras

O primeiro capítulo da obra de Candau é intitulado como Memória e identidade: do indivíduo às retóricas holistas. Neste capítulo o autor transmite noções básicas sobre os termos memória e identidade. Inicialmente o autor trata da memória que em sua visão é mais do que uma faculdade oriunda de uma neurobiologia complexa do indivíduo.

Para Joël Candau a memória é uma faculdade do ser humano e se manifesta de acordo com características dos grupos, dos indivíduos e sociedades. O autor propõe para o estudo apresentado em sua obra uma caracterização das manifestações da memória em três tipos, a saber:

- 1) Memória de baixo nível ou protomemória: é a modalidade de memória na qual se enquadra, individualmente, as experiências e saberes duradouros, compartilhados entre os indivíduos de uma sociedade;
- 2) Memória propriamente dita ou de alto nível: refere-se à memória de recordação, a qual evoca deliberadamente ou invoca involuntariamente lembranças autobiográficas ou que fazem parte de uma memória específica (saberes, sentimentos, crenças etc.);

3) Metamemória: trata-se da memória relativa à representação que cada pessoa faz de sua própria memória e, o que o indivíduo diz da sua própria memória (apego do indivíduo ao seu passado).

Depois de realizar a divisão acima, o autor segue explicando a relação entre os três tipos de memória e a realidade. Em sua visão o uso dos termos memória, protomemória e metamemória são invalidados quando tentamos utilizá-los para explicar fenômenos ligados a memória coletiva (de grupos ou sociedades), pois segundo o autor nenhuma sociedade caminha, come e dança de uma forma própria, mas sim os indivíduos que a compõe.

Ai Joël Candau chega ao termo memória coletiva, que considera como uma representação que membros de um grupo produzem a respeito de uma memória considerada comum a todos que fazem parte daquela união de pessoas.

Depois de discutir o conceito de memória, Candau parte para explicação da palavra identidade. Para este antropólogo, identidade pode ser compreendida de diferentes formas, por exemplo, como um estado, representação ou conceito.

O documento de identidade com foto, nome, data de nascimento, peso, altura é um estado, já a ideia de quem eu sou refere-se à representação e um conceito empregado frequentemente nas Ciências Humanas para designar o conjunto de caracteres próprios e exclusivos com os quais se podem diferenciar pessoas.

Em relação à identidade o autor deixa claro que aplicada a um grupo, o termo pode ser empregado com ressalvas, haja vista que apesar das semelhanças, nunca um indivíduo será idêntico a outro.

No restante do capítulo o antropólogo alerta para o cuidado no emprego dos termos identidade cultural e identidade coletiva, que em sua opinião são abusivos por tentarem designar um suposto estado de um grupo todo, tomando como base hábitos de parte dos indivíduos do grupo. De acordo com Candau tanto para o termo memória quanto para identidade existe uma retórica holista em muitos estudos que os utilizam. Compreende-se retórica como técnica de persuasão e retórica holista, como o emprego de termos, expressões e figuras para denominar conjuntos considerados como homogêneos e estáveis.

Candau trata no segundo capítulo da mnemogênese, memogênese. Os termos mnemogênese e memogênese tem relação com o nome da divindade *Mnemosyne* que representa a memória do que a pessoa foi e do que é.

O cerne da discussão do capítulo dois é a memória e o fato de que sem memória o indivíduo perde a identidade. O antropólogo salienta que tem origem na memória a

personalidade do indivíduo e, nela surge também o sentimento de continuidade temporal, condição necessária da representação da unidade do Eu.

Outro pensamento interessante levantado por Candau é de que não se pode recordar um acontecimento passado sem que o futuro desse passado seja integrado à lembrança, ou seja, a nossa memória junta características do presente à lembrança transformando-a. Por isso um ponto positivo da memória do passado é a tendência de atenuarem-se os eventos desagradáveis e manterem-se os positivos.

O terceiro capítulo trata do tema: Pensar, classificar: memória e ordenação do mundo. Candau inicia este capítulo explicando que para a conservação das lembranças e, o desenvolvimento do pensamento é necessário que o homem memorize “um mundo previamente ordenado”.

Daí a importância de ordenar o pensamento relacionado às coisas sobre as quais se pretende recordar. Segundo Candau os indivíduos nas sociedades possuem diversos instrumentos para auxiliá-los na tarefa de organizar o tempo como agendas, relógios e inventários sobre os quais os antropólogos e historiadores se debruçam em suas pesquisas. O autor destaca que entre estes instrumentos, a fotografia tem destaque por ser uma arte da memória que possibilita representar com facilidade o tempo passado.

Em relação à referência às origens, Candau esclarece que os mitos de origem trazem à tona memórias selecionadas e escolhidas para reforçar uma origem que distingue um grupo dos demais de sua região ou dos grupos estrangeiros.

No capítulo designado como O jogo social da memória e da identidade (1): transmitir, receber; o autor mostra que é importante para formação de uma identidade coletiva a transmissão de saberes, de fazeres, crenças, comportamentos, haja vista que o homem é um ser social, que transmite continuamente conhecimentos entre gerações, grupos e sexos. Candau destaca que a transmissão do conhecimento é o cerne de qualquer estudo com abordagem antropológica da memória e, a transmissão do conhecimento e memória, socialmente, pode ser investigada por meio de cinco perguntas: O que conservar? Como conservar? Quem conservar? Como transmitir? Por que transmitir?

Dentre as vias para transmissão dos conhecimentos que sustentam a identidade, o autor cita como exemplos: os documentos de família, paisagens que envolvem a propriedade de uma família, filmes, fotografias, sepulturas ou até mesmo a conservação de parte do corpo de um parente em vidro com formol.

Joël Candau argumenta que a história busca revelar as formas do passado, enquanto a memória as modela, um pouco como faz a tradição, ou seja, enquanto a história se preocupa

em organizar as ideias sobre os eventos, a memória é coberta pela desordem das emoções; paixão, afeto etc.

O quinto capítulo refere-se ao assunto: O jogo social da memória e da identidade (2): fundar, construir. Neste capítulo o autor mostra que no campo da memória familiar é onde se vê com facilidade o jogo da memória e da identidade. A vontade de buscar suas raízes faz com que os indivíduos investiguem o passado de suas famílias. A fragmentação da identidade na modernidade tem reforçado a vontade dos indivíduos em buscarem suas raízes históricas familiares, procurando também por uma identidade perdida.

Contribui para busca das raízes familiares, o medo do esquecimento que paira sobre boa parte dos indivíduos. O autor lembra que existe uma manipulação grosseira da memória, a fim de se criar nova identidade coletiva, como ocorreu na cidade de Bucareste pelas mãos de Ceaucescu (líder comunista, presidente da Romênia), que queria apagar toda memória antiga e fundar uma memória socialista.

O último capítulo recebeu o nome: Esgotamento e colapso das grandes memórias organizadoras. Neste capítulo Joël Candau mostra que na sociedade moderna há um esfacelamento das memórias. O autor mostra que este esfacelamento é explicado parcialmente, pelo fim das grandes narrativas, descrédito das autoridades, corrosão dos grandes mitos fundadores, desintegração do tecido social e ideologias caindo em desuso.

O que vem ocorrendo no mundo moderno é a busca dos indivíduos pela sua identidade, independentemente das versões criadas pelo Estado e seus órgãos oficiais.

Na visão do autor, o fato do indivíduo moderno se desvencilhar da argila sociocultural que o aprisiona e pretende determinar todos seus caminhos, possibilita maior liberdade para que o homem encontre sua grandeza e dignidade.

BIBLIOGRAFIA:

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução Maria Letícia Ferreira. – 1. ed., 2ª. Reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

Renato Rodrigues Lima

Mestrando em Modelagem de Sistemas Complexos pela Universidade de São Paulo-USP.

E-mail: renatorlima@usp.br ou renatorlima@coreconsp.org.br

Endereço: UNISA – Campus - II São Paulo - Rua Isabel Schmidt, 349, Santo Amaro, São Paulo (SP).